

# A NECESSIDADE DE PREPARO PEDAGÓGICO DO ENFERMEIRO PARA ATUAR NA FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DA ÁREA DA SAÚDE COM ÊNFASE NA ENFERMAGEM

THE NEED FOR EDUCATIONAL PREPARATION OF NURSES TO PERFORM IN THE TRAINING OF HEALTH PROFESSIONALS WITH EMPHASIS ON NURSING

ROSELI GABRIEL AMÂNCIO MORAES<sup>1\*</sup>, ADILSON LOPES CARDOSO<sup>2</sup>

1. Enfermeira. Aluna do curso de Pós-Graduação em Formação Pedagógica para Docência – Faculdade Ingá; 2. Professor, Mestre em Obstetrícia pela FMB/UNESP – Botucatu/SP.

\* Rua José Manoel Caseiro, 793, Jd. Maria Cibele, CEP, 17208-370, Jaú, São Paulo, Brasil.  
[roseli.gabriel.moraes@hotmail.com](mailto:roseli.gabriel.moraes@hotmail.com)

Recebido em 08/07/2015. Aceito para publicação em 01/08/2015

## RESUMO

A enfermagem no Brasil, ela foi introduzida em 1923 e foi regulamentada como profissão em 15 de junho de 1931, pelo decreto N°. 20.109. Atualmente, depois de todos os esforços somados para a estruturação da enfermagem, a visão sobre a competência do enfermeiro é algo que merece destaque. A prática pedagógica do enfermeiro vem sendo repensada em virtude da necessidade de mudança na formação do profissional de Enfermagem. A formação em enfermagem vem sofrendo um processo de discussão e reformulação em função das mudanças políticas de saúde e dos modelos assistenciais. Este estudo tem por objetivo entender a importância da prática educacional para o enfermeiro sob a expectativa do papel por ele assumido para a formação técnica e acadêmica de profissionais da enfermagem. Trata-se de um estudo pautado na revisão de literatura, onde material pesquisado deu-se por meio impresso e eletrônico. Ao se olhar para a história do ensino da enfermagem, não se pode deixar de reconhecer que ela sofreu influências dos diferentes contextos próprios a cada época. É, portanto, possível afirmar que há modelos implícitos nas relações de determinados períodos históricos, que se manifestam em diferentes formas de expressão cultural, refletindo o cotidiano.

**PALAVRAS-CHAVE:** Enfermagem, docência, enfermeiro, Formação profissional.

## ABSTRACT

Nursing in Brazil, it was introduced in 1923 and was regulated as a profession on June 15, 1931, by Decree N°. 20,109. Currently, after all the efforts together for the structuring of nursing, the view on the competence of nurses is something that deserves attention. The pedagogical practice of the nurse is being rethought because of the need for change in the formation of professional nursing. The nurse training has undergone

a process of discussion and reformulation in the light of changing health policies and health care models. This study aims to understand the importance of educational practice for nurses in the expectation of the role he assumed for the academic and technical training of nursing professionals. It is a guided study in the literature review, where the research material was made by print and electronically. When you look at the history of nursing education, one cannot fail to recognize that it has influences of different contexts specific to each season. It is therefore possible to say that models are implicit in the relations of certain historical periods, which manifest themselves in different forms of cultural expression, reflecting the everyday.

**KEYWORDS:** Nursing, teaching, nurse, training.

## 1. INTRODUÇÃO

Vivemos A literatura mostra, de forma ampla, “que a inovação, tanto nas práticas de saúde como na formação daqueles que neste setor irão atuar, é altamente desejada” e, por esta razão, “tem sido motivo de elaboração e implementação de várias políticas públicas para que novos modelos de ensinar e de cuidar em saúde sejam viabilizados”<sup>1</sup>.

Observa <sup>2</sup> que “o agir pedagógico dos tradicionais enfoques em educação vem, já há algum tempo, perdendo terreno para as novas práticas, oriundas de novas propostas”.

Na busca de inovações que fomentem uma nova realidade na prática pedagógica, <sup>2</sup> afirma que “é necessário ênfase nos objetivos comportamentais e o tipo de ensino centrado no professor nos conteúdos dão lugar a um ensino cujo foco é o aluno”. Portanto, “a relação professor-aluno é pensada de forma horizontal, na qual ambos

são aprendizes. O ensino passa a ser uma instância de comunicação; a aula, por exemplo, é um espaço em que se realiza um trabalho conjunto, ou seja, de professor e alunos”.

Em relação à formação de profissionais da área da enfermagem<sup>3</sup>, afirmam “que o ensino da enfermagem vem sendo caracterizado pela constante discussão de propostas pedagógicas e implementação de mudanças curriculares”.

Abordando a questão do desenvolvimento de competências no aluno,<sup>4</sup> é enfático ao afirmar que formação de competência é a busca de um trabalho diferenciado cuja origem deve ser o seio das instituições de ensino, pois, “é necessário desenvolver a capacidade de mobilização dos saberes para a resolução de problemas e para o enfrentamento de imprevistos nas situações laborais”.

Este estudo tem por objetivo entender a importância da prática educacional para o enfermeiro docente sob a expectativa do papel por ele assumido para a formação técnica e acadêmica de profissionais da área da saúde com ênfase na enfermagem. Para isto, é importante considerar a necessidade de formação pedagógica adequada do enfermeiro para o exercício pleno da docência.

## 2. MATERIAL E MÉTODOS

Trata-se de um estudo descritivo com revisão de literatura, sendo o material pesquisado por meio das bases de dados científicas como: Bireme, Lilacs e Scielo, voltado para o assunto de pesquisa proposto.

## 3. DESENVOLVIMENTO

### A enfermagem e seu contexto histórico

No contexto global da história da Enfermagem, a literatura mostra que a mesma vem de longas datas, ou seja, num período que antecede a Era Cristã. Contudo, percebe-se que a prática era extremamente rudimentar e baseava-se apenas no conhecimento empírico. Porém, a Enfermagem, como é conhecida atualmente, é fruto da força de vontade de Florence Nightingale que, no século XIX, conseguiu o reconhecimento da Enfermagem como profissão.

Com base em conteúdo histórico<sup>5</sup> fazem a seguinte abordagem sobre o assunto:

A enfermagem só conseguiu um reconhecimento como profissão no final do século XIX e no início do século XX com Florence Nightingale. Ela trabalhou ativamente prestando assistência junto aos soldados, auxiliada por um grupo de voluntárias na Guerra da Criméia (Inglaterra, 1854-1856), na qual, milhares de pessoas foram atendidas. Nesse momento firmou-se a idéia inicial de Florence: a utilização de cuidados básicos de higiene, o tratamento e a diminuição de infecções, diminuição do índice de mortalidade que assolava as vítimas acometidas pela guerra naquele momento.

Prosseguindo na mesma linha de pensamento, os mesmos autores afirmam ainda que Florence instaurou um novo conceito da profissão da Enfermagem, pois segundo ela “a enfermagem é a arte que requer organização, prática e treinamento científico”. Além disso, acreditava ela, que “a enfermeira é uma hábil servidora da medicina, e não uma servidora hábil dos médicos”.

Dentro deste contexto surgem, em vários lugares do mundo, outras escolas de enfermagem que visavam, dentro da proposta de Florence, a formação do profissional enfermagem.

Em relação à educação/formação do enfermeiro no Brasil, dados históricos apontam que o ensino de enfermagem surgiu no Brasil por volta de 1890. Informações apresentadas por<sup>6</sup> são indicativas dessa verdade, pois estes autores afirmam o seguinte:

No Brasil, o ensino de Enfermagem iniciou-se oficialmente em 1890, com a promulgação do Decreto n.791, tendo como objetivo preparar enfermeiros e enfermeiras para trabalhar nos hospícios e hospitais civis e militares, nos moldes da escola existente em *Salpetrière*, na França. O Hospital Nacional dos Alienados havia passado para controle direto do novo Governo Republicano e diante da necessidade da capacitação de pessoal para realizar os cuidados de enfermagem, foi criada a Escola Alfredo Pinto, no mesmo ano, dirigida por médicos, que também supervisionavam o ensino. Sua existência, porém, foi ignorada por Jane A. Jackson que, representando o Brasil na reunião do Conselho Internacional de Enfermeiras (ICN) realizada em 1901, não mencionou a existência dessa escola. Isso talvez explique o fato da Escola de Enfermagem Anna Nery ser considerada a primeira escola de enfermagem no Brasil.

Em um estudo ainda mais conclusivo,<sup>6</sup> afirmam que “a Enfermagem Moderna foi introduzida no Brasil em 1923, mediante a organização do serviço de enfermeiras do Departamento Nacional de Saúde Pública (DNSP) e era dirigida por Carlos Chagas”.

Estes autores afirmam também que “o ensino sistematizado tinha como propósito formar profissionais que garantissem o saneamento urbano, condição necessária à continuidade do comércio internacional, que se encontrava ameaçado pelas epidemias”.

Diante da demanda destes profissionais, afirmam<sup>6</sup> “sua formação bem como sua capacitação estava a cargo de enfermeiras da Fundação *Rockefeller*, enviadas ao Brasil com o intuito de organizar o serviço de enfermagem de Saúde Pública e dirigir uma escola de enfermagem”. O contexto histórico da conta de que “esta Fundação foi criada em 1922, mas iniciou seu funcionamento em 1923, com o nome de Escola de Enfermagem do Departamento Nacional de Saúde Pública”. Passado alguns anos, ou seja, “em 1926, passou a ser designada Escola de Enfermagem Anna Nery (EEAN) e, em 1931, Escola de Enfermagem da Universidade Federal

do Rio de Janeiro”.

De forma didática,<sup>7</sup> considera que a história de Enfermagem no Brasil encontra-se dividida em três períodos:

O primeiro período refere-se à organização da Enfermagem sob o controle de ordens religiosas; o segundo, pelo desenvolvimento da educação institucional e das práticas de saúde pública; e o terceiro corresponde ao processo de profissionalização da Enfermagem.

O mesmo autor refere também que “desde as primeiras manifestações da existência da Enfermagem no Brasil pôde-se notar que ela se modificou de acordo com o momento histórico pelo qual o país passava”. Portanto, “para os enfermeiros é de fundamental importância ter conhecimento da história de sua profissão, já que esse entendimento torna possível que cada profissional entenda as origens sociais e intelectuais da disciplina”.

### **A enfermagem regulamentada como profissão e suas competências**

Falando sobre a regulamentação da enfermagem como profissão,<sup>8</sup> afirmam que “a mesma foi regulamentada pelo decreto n.20.109, de 15 de junho de 1931”.

No Brasil, atualmente, depois de todos os esforços somados para a estruturação da enfermagem, a visão sobre a competência do enfermeiro é algo que merece destaque, pois a evolução profissional bem como seu reconhecimento outorgou ao profissional algumas competências que antes eram apenas aspirações.

De acordo com<sup>9</sup>, o perfil do enfermeiro deve ser pautado por características próprias:

O enfermeiro requer reconhecimento de que toda pessoa tem direito à adequada assistência de enfermagem, que o atendimento de enfermagem ao ser humano deve ser considerado em sua totalidade e em constante interação com o meio ambiente, que o enfermeiro atue em diversos campos de ação, exercendo atividades de assistência, administração, ensino, pesquisa e integração, nos níveis primário, secundário e terciário e que a constante evolução das ciências da saúde exige do enfermeiro permanente atualização e, muitas vezes, especialização, que deve ser adquirida após a formação básica.

Ao enfermeiro são atribuídas responsabilidades que lhes são únicas e exclusivas que, segundo<sup>10</sup> nos diversos serviços de saúde, especificamente no âmbito hospitalar, a gerência em enfermagem tem assumido fundamental importância na articulação entre os vários profissionais da equipe, além de organizar o processo de trabalho da enfermagem, buscando concretizar as ações a serem realizadas junto com clientes, que buscam estes serviços para atender às suas necessidades de saúde-doença.

### **O enfermeiro e a necessidade de licenciatura**

As discussões sobre educação e formação vêm sendo

amplamente difundidas no cenário mundial, afirma<sup>11</sup>, “pois fatores como o impacto da sociedade da informação, do mundo tecnológico, da internacionalização da economia e da busca pela sustentabilidade impõe a todos a luta pelo domínio do saber”.

Nessa perspectiva, afirma<sup>12</sup> que “a formação se coloca como veículo de democratização do acesso à cultura, à informação e ao trabalho, obrigando o sistema educacional a adequar-se ao processo de reestruturação produtiva”.

Até pouco tempo o que se via eram enfermeiros sem formação pedagógica assumindo a responsabilidade da formação de profissionais técnicos de enfermagem e até em cursos superiores. Por esta razão, atualmente, por imposição legal do COREN/SP, urge a necessidade de que todos os enfermeiros sejam habilitados para a prática pedagógica.

De acordo com o<sup>13</sup>, as causas da deficiência da formação dos profissionais de enfermagem estavam associadas a algumas situações constatadas em visitas fiscalizatórias a instituições de ensino, entre as quais nota-se falta de preparo do enfermeiro com o processo ensino-aprendizagem; incompatibilidade entre o previsto no conteúdo programático e competências a serem desenvolvidas e o que efetivamente o campo oferece; professores de estágios que atuam sem qualquer conhecimento do Plano de Ensino, Projeto Pedagógico e Conteúdo Disciplinar.

Prosseguindo,<sup>13</sup> afirma que:

Percebe-se que há, cada vez mais, enfermeiros atuando na formação profissional sem qualquer preparo técnico ou conhecimento da prática pedagógica, da gestão escolar e da construção de competências. Assim, os mesmos vivem desprovidos do conhecimento sobre estratégias de formação profissional, e vivem, então, sem preparo e fora da Lei. Por isso, em 1997 o Conselho Nacional de Educação através da Câmara de Ensino Básico, determinou, através da Resolução nº 2, de 26 de junho de 1997, a obrigatoriedade do preparo do docente em nível de pós-graduação (lato sensu) para a atuação na Educação Profissional de nível médio, através de um curso com no mínimo 540 horas, das quais 300 horas em estágios. O curso, para ser válido para fins de docência de nível técnico, deve ter direcionamento para áreas específicas da formação técnica, como Gestão Escolar, Organização Curricular, Construção de Competências e demais aspectos relacionados com a estrutura organizacional de uma escola. Em fevereiro de 2007, o Conselho Estadual de Educação do Estado de São Paulo (CEESP), através da INDICAÇÃO CEE nº 64/2007, determinou que, em todo o Estado de São Paulo, o Enfermeiro e demais profissionais da área de saúde para atuarem na Formação Profissional de Nível Médio, necessitariam ter a capacitação prevista pela Resolução CNE/CEB 02/97.

Apontam<sup>14</sup> que “a reflexão acerca da formação pedagógica do docente enfermeiro é essencial devido à

complexidade da prática profissional inserida na tarefa da educação”. Entretanto, “para muitos professores, a docência em saúde é, geralmente, considerada secundária, deixando de reconhecer a existência de uma relação entre ensino, aprendizagem e assistência”.

Em relação à necessidade de formação adequada para o enfermeiro lecionar,<sup>15</sup> pontua que:

As transformações sociais exigem um diálogo com as propostas pedagógicas, sendo necessário que o professor assuma um lugar de mediador no processo de formação do profissional de saúde, estruturando cenários de aprendizagem que sejam significativos e problematizadores da prática profissional. Os alunos, por sua vez, organizados em pequenos grupos de estudos autogeridos, tornam-se mais ativos, interativos e corresponsáveis por seu aprendizado.

Apontam<sup>14</sup> que esta realidade está mudando e mostram alguns aspectos relacionados a isto:

Atualmente, a prática pedagógica do enfermeiro/professor vem sendo repensada em virtude da necessidade de mudança na formação do profissional de Enfermagem conforme estabelecido pelas Diretrizes Curriculares para o Curso de Graduação em Enfermagem. Estão sendo bastante discutidas as mudanças curriculares e metodológicas. Neste contexto, o processo de redirecionamento na formação dos profissionais de Enfermagem deve estar voltado para as transformações sociais. Consequentemente, as propostas pedagógicas devem dialogar com estas transformações. É esperado que a formação esteja integrada à realidade vivida pelos alunos e seja capaz de incorporar os aspectos inerentes a sociedade globalizada do século XXI.

Os estudos mostram que “as práticas pedagógicas adotadas ao longo dos anos nas instituições e sistemas educacionais sofreram mudanças necessárias de acordo com o período histórico em que estavam inseridas”. Estas mudanças implicaram em consequências que envolveram a sociedade, a cultura, o homem, a educação e o mundo em geral. Sendo assim, “a Enfermagem vem progredindo expressivamente, buscando firmar-se como detentora de saber científico, sem deixar de lado o aspecto humanitário de sua profissão”<sup>16</sup>.

Segundo<sup>17</sup>, “a função de ensinar não está posta para o enfermeiro apenas nos preceitos éticos e legais da profissão, mas estão inseridas no seu fazer cotidiano”. Por isto, afirmam os mesmos autores, “entende-se que educar não é uma tarefa simples e exige de quem se propõe a realizá-la um preparo adequado no que diz respeito ao tema, sua relação com o mundo e a forma pedagógica de desenvolvê-lo”.

O parecer de<sup>3</sup> sobre a evolução do processo pedagógico na formação de profissionais de enfermagem aponta que:

O ensino da enfermagem vem sendo caracterizado pela constante implementação de mudanças curriculares nos cursos de graduação e discussões de propostas

pedagógicas. As novas diretrizes curriculares para o curso de enfermagem têm adotado perspectivas mais humanistas. É esperado que a instituição universitária e escolas técnicas estejam comprometidas com o destino dos homens, associando o máximo de qualificação acadêmica com o máximo de compromisso social, sinalizando na direção da superação da fragmentação do conhecimento até então presente. Essa, por sua vez, sob a égide do pensamento hegemônico faz com que sejam privilegiados o individualismo, o dogmatismo, o fanatismo, o consumismo e a ausência de solidariedade.

### A formação de profissionais de enfermagem

Concluíram<sup>3</sup> Concluíram em seu estudo que “a enfermagem é uma das profissões da área de saúde cuja essência e especificidade é o cuidado ao ser humano, individualmente, na família ou na comunidade”. Sendo assim, afirmam os autores, que na concepção atual, “a enfermagem faz parte de uma equipe que busca, enquanto exercício dos seus profissionais, produzir e aplicar conhecimentos empíricos e pressupostos teórico-metodológicos em saúde, para melhor direcionar e fundamentar a sua atuação”.

Por esta razão, “a formação em enfermagem vem sofrendo, já há algum tempo, um processo de discussão e reformulação em função das mudanças políticas de saúde e dos modelos assistenciais”<sup>18</sup>.

A legislação educacional no Brasil prevê e estabelece normas e critérios que norteiam tanto a educação geral quanto a formação técnico/profissional, como mostram muitos textos na literatura. Dos muitos autores encontrados na literatura,<sup>19</sup> afirmam que:

Atualmente, o ensino na área da saúde vem sendo estruturado a partir da tentativa de problematização do processo de trabalho e sua capacidade de dar acolhimento e cuidado às várias dimensões e necessidades de saúde das populações. Porém, esse processo engloba aspectos de produção de subjetividade, de habilidades técnicas, de pensamento e de conhecimento sobre o SUS e, portanto, somente pode ser viabilizado a partir de um trabalho articulado entre o sistema de saúde e as instituições formadoras, o que explica as iniciativas apontadas pelo governo em parceria com as universidades e serviços.

Abordando especificamente sobre a formação de profissionais da área de saúde,<sup>20</sup> apontam que:

A formação de pessoal para área da saúde envolve reflexões que devem ir além dos recursos estruturais disponíveis em cada instituição, apesar de serem necessários. É preciso olhar para o modo como seguem os processos de ensino e aprendizagem e as variáveis que implicam na sua composição, tais como as maneiras como os docentes se vinculam às práticas de ensino, suas adesões às necessidades dos alunos, seus modos de agir na produção dos serviços, entre outros.

Em relação ao papel das escolas na formação ade-

quada de profissionais de enfermagem,<sup>21</sup> afirmam que “elas devem cumprir seu papel de trabalhar em função de uma formação profissional cujo perfil atenda as necessidades da população em todos os níveis de atenção e ao longo dos seus processos sócio vitais”. Os mesmos autores concluem que a formação adequada desses profissionais é imprescindível, “pois é consenso que a formação em saúde afeta profundamente a qualidade dos serviços e o grau de satisfação dos usuários”.

Para que se alcance êxito na formação dos profissionais de saúde,<sup>20</sup> afirma que:

As instituições de ensino devem garantir uma aprendizagem na qual o aluno vivencie seu percurso produtivo, evitando formar profissionais alienados, preocupados somente com suas competências específicas sem colocá-las a serviço de um projeto integral na lógica do trabalho em equipe.

Salienta<sup>12</sup> que “em todo o percurso histórico do ensino de enfermagem no Brasil, as relações sociais e as políticas de educação e saúde influenciaram diretamente no contexto da formação destes profissionais”. Nesse processo, prossegue o autor, “muitos desafios estão sendo encontrados, pois a implantação das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) para os cursos de enfermagem implicam mudar paradigmas, fazer rupturas em práticas e crença sinternalizadas”.

Comentários apresentados por<sup>22</sup> sobre o assunto mostram que:

As escolas têm a frente um grande desafio: respeitando a vocação e a identidade institucional, utilizar as Diretrizes como estratégias estimuladoras de discussões coletivas para subsidiar a construção de projetos políticos pedagógicos que aproximem a formação de Enfermagem das necessidades locais de saúde. Assim procedendo, estarão favorecendo a consolidação do SUS, um modelo de atenção à saúde cujas práticas sanitárias se fundamentam em um conceito ampliado de saúde e justiça social.

Segundo<sup>19</sup> são enfáticos ao afirmarem que “a formação não pode tomar como referência apenas a busca eficiente de evidências ao diagnóstico, cuidado, tratamento, prognóstico, etiologia e profilaxia das doenças e agravos”. Segundo os autores, o profissional de enfermagem “deve buscar desenvolver condições de atendimento às necessidades de saúde das pessoas e da população, da gestão setorial e do controle social em saúde”.

Enfatizando o pensamento acima exposto, os autores também afirmam que:

A atualização técnico-científica é apenas um dos aspectos da qualificação das práticas e não seu foco central. A formação engloba aspectos de produção de subjetividade, produção de habilidades técnicas e de pensamento e o adequado conhecimento do SUS. A formação para a área da saúde deveria ter como objetivos a transformação das práticas profissionais e da

própria organização do trabalho, e estruturar-se a partir da problematização do processo de trabalho e sua capacidade de dar acolhimento e cuidado às várias dimensões e necessidades de saúde das pessoas, dos coletivos e das populações.

### **A enfermagem e o desenvolvimento de competências**

Ponto de fundamental importância defendido na formação de profissionais de enfermagem é o que diz respeito ao desenvolvimento de competências, cuja finalidade é desenvolver habilidades no aluno. Explana<sup>4</sup> este assunto e afirma que:

Formar competências e desenvolver habilidades pressupõe um trabalho diferenciado no interior das instituições de ensino, principalmente porque, mais que a posse dos saberes escolares ou técnico-profissionais, faz-se necessário desenvolver a capacidade de mobilizar estes saberes para a resolução de problemas e para o enfrentamento de imprevistos nas situações de trabalho. Assim, os espaços formativos devem favorecer a participação, o diálogo, a negociação e a intervenção, o que implica alterações metodológicas, redefinição do papel docente e, ainda, ressignificação das funções da prática avaliativa.

“As competências permitem produzir um número infinito de ações não programadas que favorecem a articulação e mobilização de conhecimentos múltiplos de diferentes formas, em variados momentos e em situações concretas que se manifestam no mundo de trabalho”<sup>4</sup>.

De acordo com Ministério da Saúde<sup>23</sup>, no setor de saúde, as alterações decorrentes das novas tecnologias e das novas formas de organização do trabalho estabelecem com o imperativos “a compreensão global do processo de trabalho, a maior articulação entre os diversos setores para o desenvolvimento de modelos voltados para a qualidade de vida, a maior integração das ações dos diferentes agentes que atuam na área de saúde”.

Com base neste princípio, o Ministério da Saúde<sup>23</sup> define competência “como a capacidade (das pessoas) de enfrentar situações e acontecimentos próprios de um campo profissional”.

Sob a bandeira da competência na formação de profissionais do setor da saúde, especificamente na área da enfermagem, a literatura propõe que:

A formação para a atuação no setor de saúde, portanto, pretendeu e pretende superar a perspectiva tarefaira, obreira, operacional e limitadora dos cuidados exigidos quando se trabalha com enfermagem, para priorizar a formação de um homem inteiro, de uma mulher inteira, de um trabalhador inteiro, humano e humanizador, o que faz pressupor um trabalho diferenciado no interior das instituições de ensino, principalmente porque, mais que a posse dos saberes escolares ou técnico/profissionais, torna-se necessário desenvolver a capacidade de mobilizar estes saberes para a resolução de problemas e para o enfrentamento de im-

previstos nas situações de trabalho<sup>4</sup>.

Os processos de formação a serem desenvolvidos, portanto, deverão se orientar para as “questões de como se aprende e em que medida as aprendizagens tornam-se transferíveis aos contextos diferentes daqueles em que foram adquiridas”. Até porque, “a transferência não é uma simples transposição automática, mas passa por um trabalho mental que supõe o sujeito confrontado com uma nova situação”<sup>24</sup>.

Sobre este aspecto, é necessário que haja plena interação entre aluno e professor para que os objetivos pedagógicos se estabeleçam de forma plena. Aponta<sup>3</sup> como esta interação pode ser concretizada:

A comunicação professor-aluno torna-se, portanto, a base do processo de ensino e sofre influências do cotidiano de cada um de seus protagonistas. É importante que o professor valorize o diálogo, a troca, a relação interpessoal, acreditando que é possível aprender conversando, discutindo e trocando ideias com seus aprendizes. Já, da parte dos estudantes, é esperada uma atitude mais ativa em busca do saber, com a extração da informação do ambiente, integrando-a a outras armazenadas na memória, fundamentando assim seu questionamento junto ao professor. Portanto, o conhecimento é construído, é criado e é dado como fruto de uma assimilação ativa do sujeito.

A Educação é a instituição mais privilegiada para produzir sujeitos emancipados, mas esse processo passa pelo arbítrio de seus diferentes agentes. Os agentes da educação vão além dos docentes e discentes e englobam todo o corpo técnico que atua dentro das organizações e estabelecimentos de ensino.

#### 4. CONCLUSÃO

O estudo revelou que desde que a enfermagem se estabeleceu no Brasil muitas práticas foram se perpetuando com base no conhecimento empírico, inclusive a prática pedagógica.

Apesar de grandes avanços conquistados como profissão, em relação à prática pedagógica viam-se enfermeiros sem formação pedagógica assumindo a responsabilidade da formação de profissionais técnicos de enfermagem e até em cursos superiores.

As exigências impostas sabiamente pelo COREN/SP aboliu esta prática, e com as transformações sociais surgiu um diálogo com as propostas pedagógicas, sendo necessário que o enfermeiro/professor assumisse um lugar de mediador no processo de formação do profissional de saúde.

As necessidades de saúde requerem cada vez mais profissionais de enfermagem capacitados para atuarem nas instituições de saúde. Portanto, para que tais necessidades fossem atendidas, a legislação educacional no Brasil prevê e estabelece normas e critérios que norteiam tanto a educação geral quanto a formação técnica

co/profissional.

A ênfase dada à formação do profissional de enfermagem se dá quando o professor se apropria das competências que permitem produzir um número infinito de ações que favorecem a articulação e mobilização de conhecimentos múltiplos de diferentes formas, em variados momentos e em situações concretas que se manifestam no mundo de trabalho.

O estudo conclui, também, que toda história do ensino de enfermagem é palmilhada por influências dos diferentes contextos típicos de cada época, o que leva a entender que há modelos implícitos nas relações de determinados períodos históricos que se manifestam em diferentes formas de expressão cultural, refletindo o cotidiano. Porém, na atualidade, vive-se o momento da pós-modernidade, com seus desdobramentos paradigmáticos de um mundo globalizado que exige, como consequência, cada vez mais ações concretas em relação à formação dos profissionais de enfermagem e daqueles que assumem o papel de formá-los.

#### REFERÊNCIAS

- [1] Pereira WR, Tavares CMM. Práticas pedagógicas no ensino de enfermagem: um estudo na perspectiva da análise institucional. *Rev Esc Enferm USP*. 2010; 44(4):1077-84.
- [2] Waldow VR. Reflexões sobre Educação em Enfermagem: ênfase em um ensino centrado no cuidado. *O Mundo da Saúde São Paulo*. 2009; 33(2):182-188
- [3] Scherer ZAP, Scherer EA, Carvalho AMP. Reflexões sobre o ensino da enfermagem e os primeiros contatos do aluno com a profissão. *Rev Latino-am Enfermagem*. 2006; 14(2):285-91.
- [4] Souza N A. Avaliação de competências: aperfeiçoamento na área da enfermagem. *Estudos em Avaliação Educacional*. 2005; 16(32):57-80.
- [5] Melek THR, Rocha PRS. Enfermagem: tecendo fios históricos no contexto da sociedade global. *Revista Eletrônica de Enfermagem do UNIEURO-REEUNI, Brasília*. 2008; 1(1):64-79.
- [6] Galleguillos TGB, Oliveira MAC. A gênese e o desenvolvimento histórico do ensino de enfermagem no Brasil. *Rev Esc Enf USP*. 2001; 35(1):80-7.
- [7] Ruben NR. A evolução da enfermagem e o processo saúde-doença no Brasil. *Rev. Ed. Popular, Uberlândia*. 2008; 7:54-63.
- [8] Nascimento MEB, Oliveira MCM. Caminhos e desafios da enfermagem no Brasil. *Revista HISTEDBR On-line, Campinas*. 2006; 23:131-142.
- [9] Martins C, *et al*. Perfil do enfermeiro e necessidades de desenvolvimento de competência profissional. *Texto Contexto Enferm, Florianópolis*. 2006; 15(3):472-8.
- [10] Spagnol C A. (Re)pensando a gerência em enfermagem a partir de conceitos utilizados no campo da Saúde Coletiva. *Ciência e Saúde Coletiva*. 2005; 10(1):119-27.
- [11] Ferenc AVF. O trabalho docente no ensino superior: condições, relações e embates na prática. In: VII Seminário

- de la Red Latinoamericana de Estudios sobre Trabajo Docente. 2008. Buenos Aires, Argentina. 2008; 1:1-21.
- [12] Montenegro LC. A formação profissional do enfermeiro: avanços e desafios para a sua atuação na atenção primária à saúde. 2010. (Dissertação). Escola de Enfermagem da Universidade Federal de Minas Gerais. 98f.
- [13] Coren/SP. Formação profissional com responsabilidade. Revista COREN/SP. 2008; 73.
- [14] Rodrigues MTP, Mendes Sobrinho JAC. Enfermeiro professor: um diálogo com a formação pedagógica. Rev Bras Enferm. 2007; 60(4):456-9.
- [15] Baptista, I. Dar rosto ao futuro: a educação como compromisso ético. Porto, Portugal: Profedições. 2005, 155 pp.
- [16] Zarpellon LD, Romanowski JP. A prática pedagógica do docente na formação do enfermeiro para atuar em saúde pública. 2005. Disponível em: <[http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/716\\_422.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/716_422.pdf)>. Acesso em: 25 mar. 2011.
- [17] Silva VR, Silva MG, Santos LB. O. Proposta pedagógica do PROFAE na perspectiva dos enfermeiros instrutores. Rev Bras Enferm. 2005; 58(3):284-9.
- [18] Fernandes JD. A trajetória do ensino de graduação em enfermagem no Brasil. In: TEIXEIRA E, *et al.* O ensino de graduação em enfermagem no Brasil: o ontem, o hoje e o amanhã. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. 2006; 132p.
- [19] Ceccim RB, Feuerwerker LCM. O quadrilátero da formação para área da saúde: ensino, gestão e controle social. Physis: Revista de Saúde Coletiva, Rio de Janeiro. 2004; 14(1):41-65.
- [20] Merhy EE. Saúde: a cartografia do trabalho vivo. São Paulo: Hucitec. 2002.
- [21] Cotta AMDD, *et al.* A organização do trabalho e perfil dos profissionais do programa saúde da família: um desafio na reestruturação da atenção básica em saúde. Epidemiologia e Serviços de Saúde. Brasília. 2006; 15(3):7-18.
- [22] Faustino RLH, *et al.* Caminhos da formação de enfermagem: continuidade ou ruptura? Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília. 2003; 56(4):343-7.
- [23] Brasil. Ministério da Saúde. PROFAE. Formação: humanizar cuidados de saúde: uma questão de competência. Brasília. 2001.
- [24] Ramos M. Da qualificação à competência: deslocamento conceitual na relação trabalho-educação. Niterói, 2001. (Tese) Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense.